

LONGUINI, Vera. Fazenda do café preserva 100 anos de nossa história: antiga sede intacta, senzalas e quadras de secagem de grãos. Correio Popular, Campinas, 25 ago. 1985.

Antiga sede intacta, senzalas e quadras de secagem de grãos

Fazenda do café preserva 100 anos de nossa história

texto: Vera Longuini - fotos: Antoninho Perri

No final do século XIX, quando Campinas foi a maior produtora de café do Brasil, uma das fazendas que muito contribuiu para que a cidade alcançasse tal produção foi a Fazenda São Joaquim, localizada na estrada das Cabras, há 15 quilômetros do Distrito de Joaquim Egídio. A fazenda chegou a cultivar 188 mil pés de café.

Hoje, a história daquele tempo é guardada apenas pela sede da fazenda, pelos poucos móveis que ali restaram, pelas senzalas e pelas 42 quadras para a secagem do café, já cobertas pelo campim, de mais de 30 mil metros quadrados.

A sede da Fazenda São Joaquim pode ser vista da estrada das Cabras pelas pessoas que visitam o Observatório do Capricórnio, mas a admiração pode ser ainda maior após conhecer a sua história, o seu interior e acreditar na grande contribuição que deu para o desenvolvimento de Campinas.

A fazenda, com mais de cem anos, pertence à família De Cicco. Hoje são cultivados ali, apenas milho, feijão e verduras, vendidos a intermediários de Sousas e Campinas. A receita atual da fazenda empata com as despesas, mas a intenção de um dos proprietários, Celestino De Cicco Júnior é restaurá-la, para que a história, não só de sua família, mas também a de Campinas não seja esquecida.

Pertencem ainda à família De Cicco mais duas fazendas naquela região: a "Palmeiras e a Cachoeira". Esta última está sendo reconstruída e assim que as obras estiverem concluídas a atenção será toda voltada para a restauração e preservação da Fazenda São Joaquim.

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp

CMUHE008757

Andar superior tem, ao todo, 22 cômodos

A história da Fazenda São Joaquim é ainda lembrada pelo "seu" Celestino. Ele conta que a Fazenda São Joaquim introduziu café durante 70 anos. Mas na crise de 1929, houve superprodução de café no Brasil. Para você ter uma idéia apenas no IBC - Instituto Brasileiro do Café - haviam estocados 76 milhões de sacas. A rejeição aconteceu porque o Brasil não tinha para quem vender o café. Somente aqui na Fazenda São Joaquim nós tínhamos 4 mil sacas estocadas. Então, por volta de 1932, o ex-presidente Getúlio Vargas determinou que todo o café fosse cortado. Naquele ano, começamos então a plantar algodão e conseguíamos cerca de 200 arrobas por alqueire".

A Fazenda São Joaquim chegou a possuir 300 escravos. Depois da "Abolição da Escravidão" no lugar destes escravos passaram a trabalhar na Fazenda 42 famílias italianas. Apenas dois escravos permaneceram lá. O último deles morreu há dois anos, com pouco mais de 90 anos de idade.

Hoje na fazenda, que cultiva apenas milho, feijão e verduras, trabalham 20 pessoas. Celestino De Cicco Júnior já recebeu oferta de Cr\$ 2 bilhões para vendê-la. Mas tanto ele como os outros seis herdeiros prentendem preservá-la, apesar de garantir que "não há mais lucro". Dos 120 alqueires que possuía no início do século XIX, hoje restaram 83 alqueires. E a idéia dos proprietários é aumentar a produção gradativamente. Segundo Celestino De Cicco Júnior, até mesmo o café poderia ser cultivado novamente porque a terra continua boa para o plantio e os terreiros para a secagem do café (42 quadras) teriam de ser apenas raspados para ficarem livres do campim que os cobriu ao longo desses anos.

A sede da Fazenda São Joaquim é ainda o posto mais atraente. Um sobrado construído há mais de cem anos, adquirido pela família De Cicco em 1902. Na parte da frente, um grande patamar construído de madeira de peroba, com grades de ferro fundido em toda a sua volta, com acesso por uma escada lateral. Do patamar, o primeiro cômodo do sobrado é um varandão com mais de 70 metros quadrados.

Ao todo, o sobrado tem 700 metros quadrados de construção, sendo que no andar superior existem 22 cômodos. Destes, 10 são dormitórios, todos comportando lavabos de cerâmica inglesa e água encaçada. As paredes de taipa e madeira, com um metro de largura, ainda estão revestidas com papel francês, ali colocados em 1928, guardando as características da época das barras decorativas com desenhos de flores e altos rodapés de madeira.

Há lugar ainda nas paredes para os interruptores de luz, importados dos Estados Unidos em 1918, antes mesmo das residências do centro de Campinas conhecê-los. Os pendentês (pequenos lustres) ainda são os originais em todos os cômodos. As portas e janelas (mais de 40 no andar superior) são todas de pinho de riga e possuem no alto as bandeiras de vidro.

O assoalho das salas e quartos é de peroba e pau marfim, perfeito em todos os cômodos, apenas um pouco estragado no banheiro devido a umidade. Já na cozinha, despensas e dormitórios de empregada, o assoalho é feito de mosaico português, decorado nos corredores e liso nas demais dependências.

No banheiro, as peças sanitárias, vaso, pia e banheira, ainda estão lá. São de cerâmica inglesa, fabricadas no século passado, mas ainda estão em perfeito estado de conservação. Na despensa ainda existe um enorme armário de Ipê e o primeiro fogão a gás fabricado pela "Wallig".

Na cozinha, com forro de gradil, não poderia faltar o fogão a lenha. Este fogão ainda conta com um sistema de aquecimento, capaz de levar água quente para os três banheiros da casa. Todos os cômodos são separados uns dos outros por portas de duas folhas e contêm janelas altas com bandeiras de vidro na parte superior.

LONGUINI, Vera. Fazenda do café preserva 100 anos de nossa história: antiga sede intacta, senzalas e quadras de secagem de grãos. Correio Popular, Campinas, 25 ago. 1985.

Capela

Na parte inferior do sobrado, existe a garagem, com capacidade para três automóveis, as salas que serviam de escola para os empregados da fazenda e uma pequena capela. Da escola ainda restaram as carteiras dos alunos e da capela, apenas o oratório, hoje com mais de 60 anos.

A única imagem que pode ser vista na capela é de São Joaquim. As outras foram todas roubadas, juntamente com móveis e outros objetos da Fazenda. Na capela, segundo conta Celestino De Cicco Júnior, eram celebradas missas em todos os dias Santos, ou no mínimo, uma vez por mês.

Já no quintal do sobrado, ainda estão ali o forno para se assar o pão e o local onde se colocava os tachos de doce. Mais no fundo da fazenda, em uma pequena casa de madeira pode ser encontrada uma relíquia de 1906: a bomba de água, que mesmo depois de quase 80 anos, ainda funciona normalmente, levando água encanada para a cozinha, banheiro e lavabos colocados nos quartos.

Desde 1929, sobrado já não é ocupado

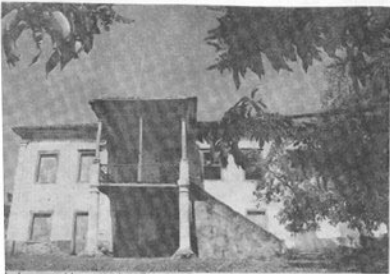
A família de Cicco morava na fazenda São Joaquim apenas nas épocas de colheita do café. Desde 1929, quando o então presidente Getúlio Vargas determinou que o café fosse cortado e a cultura do algodão teve predominância, o sobrado deixou de ser habitado, sendo que a família passava ali apenas os finais de semana. Celestino De Cicco Júnior conta que morava em Campinas, na rua Costa Aguiar, mas desde pequeno estou em São Paulo. Hoje, raramente vai a fazenda, sendo que os maiores frequentadores são seus sobrinhos.

Segundo ele, a Fazenda já foi assaltada mais de 10 vezes nos últimos anos. Os móveis antigos, inclusive uma mobília da sala de estar, estilo Luís XV foi roubada. Nem mesmo as maçanetas de cristal das portas dos dormitórios escaparam. Hoje em dia, da antiga mobília da Fazenda, restam apenas um pequeno sofá já um tanto estragado, de mais de 90 anos, uma velha máquina de costura, o fogão da Wallig e um rádio, que já nem funciona mais. Tudo sem valor comercial.

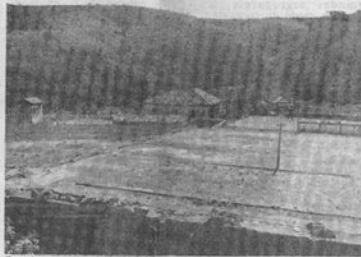
Dos áureos tempos de produção de café, restaram somente alguns cartões, que serviam para a confirmação da colheita para os compradores. Nos cartões estão impressos o nome da fazenda (São Joaquim), o nome do proprietário (Celestino De Cicco), e o vale, equivalente a um alqueire de café.



Na capela, apenas o oratório



Edifício construído no século XVIII



Terreiro para secagem de café



Ação do tempo danificou imóvel



Papel de parede importado da França



Bandeiras iguais em mais de 40 janelas



Celestino De Cicca, o proprietário